



A Marca (In)Visível do Género na Família: Perceções de Jovens Estudantes

Alcina de Oliveira Martins ¹

Maria Nazaré Coimbra ²

Susana Oliveira Sa ³

José António Oliveira ⁴

RESUMO

A Educação para a cidadania constitui, atualmente, uma das prioridades educativas, no que concerne às diretrizes curriculares vigentes no percurso escolar. Uma das temáticas privilegiadas versa sobre a identidade de género, principalmente quanto aos papéis exercidos por homens e mulheres no seio familiar, enquanto forma de reflexão sobre estereótipos e prevenção da violência doméstica. Considerando diretrizes nacionais e internacionais, que valorizam a centralidade da Educação na formação de crianças e jovens, o objetivo deste estudo consiste em analisar as perceções de jovens estudantes sobre os papéis do homem e da mulher no quotidiano da família, a partir de marcas de género nas relações sociais. Tendo por base uma metodologia qualitativa, a recolha dos dados incidu na análise dos comentários escritos por estudantes dos últimos anos do ensino secundário de uma escola do Porto. O estudo efetuado permitiu concluir que os estudantes têm consciência das mudanças ocorridas nos papéis do homem e da mulher, acompanhando a evolução do conceito de família e a emergência de novos modelos sociais, personificados por celebridades que conjugam responsabilidades familiares e profissionais. Contudo, ainda persistem estereótipos de género, que continuam a condicionar as relações interpessoais na família, o que comprova a importância da reflexão e consciencialização dos estudantes sobre esta temática, a reforçar em contexto escolar.

Palavras-chave: Educação; Família; Género; Jovens Estudantes.

¹ Doutora pela Universidade Portucalense e Agregada pela Universidade Nova de Lisboa. Docente na Universidade Lusófona do Porto, Portugal. <https://orcid.org/0000-0002-0290-747X>. amom@ulp.pt.

² Doutora em Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Docente na Universidade Lusófona do Porto, Portugal. <https://orcid.org/0000-0001-6591-3124>. nazarecoimbra@gmail.com.

³ Doutora em Educação pela Universidade do Minho. Docente no Instituto Superior de Educação de Fafe, FAFE, Portugal. <https://orcid.org/0000-0003-1339-5745>. susana.sa@iesfafe.pt.

⁴ Doutor pela Universidade Portucalense. Docente no Instituto Politécnico do Porto, Portugal. <https://orcid.org/0000-0001-9839-2193>. jao@estg.ipp.pt.

Na atualidade, a pesquisa sobre a marca do género na família tem incidido nas relações entre homens e mulheres, a partir de normas e papéis desempenhados segundo funções e estereótipos, tradicionalmente denominados como masculinos ou femininos, que atravessam gerações. Nos últimos anos, mercê de políticas educativas que privilegiam a Educação para a cidadania, a reflexão e a discussão sobre as relações familiares e a identidade de género foram reforçadas nas escolas portuguesas (Vieira et al. 2012). Particularmente, interessa garantir a formação de crianças e jovens, através da veiculação de direitos e deveres, que potenciem “uma conduta cívica que privilegie a igualdade nas relações interpessoais (...) e o respeito pelos Direitos Humanos” (MEC 2016).

Neste entendimento, é imperativo efetuar uma análise mais aprofundada da incorporação de regras e marcas de género na família, no quotidiano vivenciado por pais, mães e filhos. Tendo como base as perceções de jovens estudantes, é fundamental procurar as (in) visibilidades que dão corpo a possíveis fragmentações, continuidades e ruturas de conceções estereotipadas, assentes em modelos universais do que é masculino e feminino, e que subsistem na contemporaneidade, no seio das relações interpessoais familiares.

A pesquisa, de cariz qualitativo, configura um estudo de caso, circunscrito a uma escola do distrito do Porto. A análise incidiu em comentários escritos por 45 estudantes, 30 raparigas e 15 rapazes, do último ano do ensino secundário da área das Humanidades, sobre o papel da mulher e do homem na família, na sociedade global do século XXI.

Atendendo às finalidades da Educação formal, é crucial não desperdiçar oportunidades de desenvolvimento e enriquecimento das trajetórias de vida de crianças e jovens, que empreendem o seu percurso de aprendizagem. Há que ter sempre presente a socialização familiar, que condiciona atitudes e comportamentos, desde a infância. E, principalmente, que o género se revela um dos princípios subjacentes à construção do percurso individual de cada jovem, para uma cidadania plena. Este constitui um dos grandes desafios educacionais do nosso tempo, que fundamenta e justifica o presente estudo.

RELAÇÕES ENTRE PAPÉIS SOCIAIS DO HOMEM E DA MULHER

Os papéis sociais do homem e da mulher sempre foram marcados pela diferença e pela discriminação feminina que, de certa forma, ainda hoje, em algumas situações perduram. Se recuarmos no tempo, constatamos que, por exemplo, a sociedade medieval apresentava como estereótipo a força e o poder masculino. A mulher, por sua vez, era representada como frágil e sedutora, mas também portadora do estigma do Pecado Original, que tinha como consequência a perdição da alma masculina.

A sedução do corpo feminino, e sobretudo a sua diabolização, reúnem o profano e o sagrado, na simbologia de Eva e Maria (Martins 2013). O destino natural da mulher seria casar, ter filhos e obedecer ao marido, ou, em alternativa, recolher-se a um mosteiro e dedicar a sua vida a Deus. Em qualquer dos casos, a tutela era sempre masculina. Estas crenças culturais e religiosas perduraram ao longo dos séculos, apesar de todos os avanços civilizacionais (Martins 2013).

Na atualidade, a mulher usufrui de mais educação, liberdade de expressão, oportunidades profissionais e autonomia, contrariando séculos de práticas que traduziam uma inferioridade natural, face à superioridade masculina. A contestação gradual do ideário dominante, a partir de meados do século XIX, teve origem nos movimentos feministas e de mulheres, que motivaram a discussão em torno dos velhos estereótipos sobre o papel feminino na sociedade, em relação com os paradigmas de género existentes. A contestação do ideário vigente, e consequente luta pela igualdade de direitos cívicos, teve como símbolo visível a luta e conquista do direito ao voto, primeiro no Reino Unido, em 1918, e logo de seguida, em 1920, nos Estados Unidos da América (Arnot 2009). Esta vitória não teve reflexos apenas na participação da mulher nas decisões políticas, mas também nas vivências do quotidiano. A invenção da pílula anticoncecional, na década de 1960, possibilitou uma liberdade sexual até ao momento muito limitada pelo problema da natalidade. A pílula veio facultar às mulheres o planeamento da natalidade, quer quanto a ter ou não filhos, quer quanto ao momento ideal para ser mãe. Em consonância, a atividade profissional extravasou os limites da tradicional dona de casa, iniciando-se um movimento de igualdade de oportunidades no emprego. Pouco a pouco, surgiram melhores oportunidades de emprego, até ao momento reservadas aos homens. Consequentemente, a discriminação de género no contexto profissional foi sendo reconhecida e combatida, como uma prática discriminatória (Coelho and Casaca 2017).

A fim de impulsionar uma efetiva mudança de paradigma, é de assinalar uma progressiva contestação do ideário dominante, que determinava como alguns grupos deviam ser tratados, através de símbolos e códigos próprios, que funcionavam como marcadores desiguais para homens e mulheres. Esses marcadores remetiam o papel feminino para uma condição de inferioridade na sociedade. Em reação, desde meados do século XX, os movimentos feministas e de mulheres começaram a responsabilizar o Estado, pela definição de políticas direcionadas para a Educação, visando acelerar e aprofundar as necessárias mudanças culturais (Bailey and Graves 2016).

MUDANÇAS DO PAPEL DO HOMEM E DA MULHER NA FAMÍLIA NO SÉCULO XXI

A evolução do conceito de família acompanhou os avanços civilizacionais e tecnológicos. Com a Revolução Industrial, no século XIX, surge o conceito de família nuclear, formada pelo casal e

Alcina de Oliveira Martins; Maria Nazaré Coimbra; Susana Oliveira Sa; José António Oliveira

respetivos filhos. Progressivamente, esse conceito foi sofrendo alterações, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, com a Segunda Guerra Mundial, quando a mulher ganhou uma certa independência, com a sua inserção no mercado de trabalho. Assim, a mulher deixou de estar confinada ao seu papel de cuidadora tradicional, passando a dividir o seu tempo entre o emprego fora de casa e as responsabilidades familiares e da educação dos filhos. Segundo Dias (2015) o casamento e a família deixaram de ser prioridade, o que originou outros modelos, que trouxeram novos desafios e a reorganização das estruturas familiares, como “produto de um processo de construção social contínuo, jamais estabilizado” (Dias 2015, 12). Essas mudanças, na organização e relações familiares, foram transformando e orientando as relações sociais de gênero, segundo Aboim (2007), e os valores, afetando “a construção de determinadas visões do mundo e da própria individualidade” (Aboim 2007, 35).

Em resultado dessas transformações, em vários países europeus surgiu o contraste entre posições menos diferenciadoras e a continuação das funções tradicionais dos papéis na família. Assim, surge a divisão equitativa das tarefas domésticas e do cuidado com os filhos, o trabalho pago e a contribuição para o rendimento familiar, ao mesmo tempo que se mantêm as contradições entre o ideal de mulher como mãe e dona de casa e o desempenho de uma profissão (European Values Study 2017).

No que concerne às funções tradicionais, estas encontram-se ligadas aos cuidados dos filhos em idade pré-escolar e à educação dos mesmos, prevalecendo as mulheres como cuidadoras das crianças. Os padrões de gênero na divisão de tarefas continuam a depender da situação profissional de cada cônjuge (OECD 2016; Bianchi et al. 2012). A realidade revela uma acumulação de funções e responsabilidades, por parte das mulheres, o que provoca a coexistência do estereótipo de gênero com o estereótipo das tarefas, numa partição percebida como feminina ou masculina. Contudo, o trabalho doméstico exercido pelo homem ainda é visto como uma “ajuda” à mulher e não como responsabilidade masculina (Wagner et al. 2005; Fleck and Wagner 2003). Por isso, mantêm-se o poder da mulher no lar, acrescido das funções profissionais exercidas externamente.

Um dos sintomas da continuidade de crenças, estereótipos e valores é o flagelo da violência doméstica. As suas causas assentam na posição de subordinação que a mulher ocupa numa estrutura social patriarcal, constituindo um legado cultural inserido na estrutura familiar tradicional, na qual a diferença de poder entre sexos, particularmente no espaço das relações íntimas, se manifesta, reforça e reproduz (Taylor and Jasinski 2011). No contexto da violência doméstica, prevalece a violência conjugal, baseada, fundamentalmente, no exercício de controlo sobre a vítima (Paulino 2016). Geralmente, ocorre associada aos papéis de gênero, feminino e masculino, nos quais os atores se

encontram claramente definidos, sendo a mulher a principal vítima deste crime e o homem o principal ofensor. A violência doméstica é passível de ocorrer em relações maritais e não maritais (e.g., namoro, coabitação, separação), que poderão ser atuais ou passadas, de caráter heterossexual ou homossexual (Rivero Santamarina, Meso Ayerdi, and Martínez Odriozola 2015).

Assim sendo, a identidade da mulher na família, bem como o próprio conceito de família ainda se encontram em construção, acompanhando a evolução histórico-social de um mundo globalizado. Os valores mais modernistas, no que concerne ao reconhecimento do direito das mulheres à participação no mercado de trabalho e à importância da participação masculina na esfera privada, bem como a masculinidade cuidadora, são mais expressivos nos mais jovens ou em pessoas com grau de escolaridade superior (Wall et al. 2016).

Efetivamente, desde a infância, crianças e jovens constroem a sua identidade de gênero, a partir das interações que se cruzam na família e no meio (Vieira et al. 2012), sendo de destacar, como fontes de influência, os modelos sociais personificados na publicidade e por celebridades da moda, da música e do futebol, em representação ideal da sociedade de consumo (Barreto Januário 2016). Neste sentido, é essencial uma educação para a cidadania, que funcione como reflexão e aprendizagem sobre a construção de valores numa sociedade globalizada, assente no imediatismo da comunicação, nas tecnologias e no primado do indivíduo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tal como no estudo de Martins *et al.* (2019), a questão de partida, que direcionou o estudo empírico, procura saber de que forma as percepções de jovens estudantes, sobre os papéis do homem e da mulher na família, evidenciam (in) visibilidades de gênero e “possíveis mudanças nas relações entre papéis sociais, na sociedade global do século XXI” (Martins et al. 2019, 314).

Na pesquisa, optou-se por uma metodologia qualitativa, com recurso a um estudo de caso simples. No estudo de caso, o referencial metodológico é particularmente utilizado nas ciências sociais e humanas e em contexto educacional e, como refere Coutinho (2011), está integrado num fenómeno complexo, em ambiente real. Procura-se estudar, de forma aprofundada e detalhada, uma situação específica e de pequenas dimensões – “o caso”. O caso assume-se como um conjunto de indivíduos do 11º ano de uma escola (Coutinho 2011; Yin 2015; Coimbra and Martins 2013).

O *corpus* de dados é constituído por comentários escritos por 45 estudantes, 30 raparigas e 15 rapazes, entre os 16 e os 19 anos, que frequentam os últimos anos do ensino secundário da área de Humanidades, de uma escola do distrito do Porto, sobre o papel da mulher e do homem na família, na

atualidade. O *corpus* é constituído por 45 textos, que variam entre 180 a 300 palavras, escritos individualmente em situação de sala de aula, em 2018, tendo como tema “O papel do homem e da mulher na família do século XXI”. A recolha de dados, efetuada por um investigador deste estudo, teve autorização da Direção da escola.

A pesquisa, de natureza exploratória, enquadra-se no paradigma interpretativo, de acordo com o contexto em análise e segundo as perceções dos participantes (Yin 2015), em que o investigador assume um papel seletivo. Neste contexto, o investigador levanta questões, quer na respetiva participação, quer na recolha controlada, ou ainda na análise dos dados e na avaliação dos processos (Coutinho 2011), de modo a que fundamentem as visibilidades de género e possíveis mudanças nas relações familiares.

Os textos foram sujeitos a análise de conteúdo, com a ajuda do software webQDA® (Costa, Moreira, and Souza 2019). No processo investigativo, a codificação das fontes implicou a distinção entre as dimensões **família** e **género**. Ao longo da discussão dos resultados, utilizaremos o termo *unidade de referência* como sinónimo de unidade de registo, que tanto pode significar a frase ou o conjunto de palavras que façam sentido e tenham significado próprio.

Os textos irão ser, doravante, designados de **T1** a **T45**, de forma a garantir o anonimato, imprescindível numa pesquisa científica.

A partir da análise dos dados obtidos, foram consideradas duas categorias: (1) estereótipos de género nas relações familiares e (2) mudança de paradigma nas relações familiares. No Quadro 1 é apresentada a respetiva definição, explicitando categorias, subcategorias e respetivos indicadores.

Quadro 1. Categorização dos estereótipos de género e da mudança de paradigma nas relações familiares.

Categorias	Subcategorias	Indicadores
Estereótipos de género nas relações familiares	Família como destino tradicional da mulher	Visão da mulher limitada a dona de casa e cuidadora dos filhos
	Coexistência do estereótipo de género com o estereótipo das tarefas	Divisão das tarefas entre o homem e a mulher
	Papéis tradicionais do homem e da mulher	Papel não tradicional da mulher, com papéis bem definidos
	Violência doméstica contra as mulheres	Realidade associada ao papel de género e ao exercício do poder masculino
Mudança de paradigma nas relações familiares	Novas formas de viver a família	Nova reorganização familiar; uma nova forma de olhar a família
	Divisão equitativa das tarefas domésticas e do cuidado com os filhos	As tarefas domésticas são distribuídas equitativamente no seio da família
	Inversão dos papéis tradicionais	Os homens assumem o papel tradicional da mulher no seio da família, sempre que necessário

Fonte: Os Autores

O conteúdo do quadro servirá de base à análise e discussão dos resultados, que se concretiza no item a seguir.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na Tabela 1, apresenta-se o resultado da matriz da triangulação entre os estereótipos de gênero, nas relações familiares, e os rapazes e as raparigas, considerando 4 subcategorias.

Tabela 1. Matriz da correlação entre Estereótipo de Gênero e Sexo nas relações familiares

	Coexistência do estereótipo de gênero com o estereótipo das tarefas	Família como destino tradicional da mulher	Violência doméstica contra as mulheres	Papéis tradicionais do homem e da mulher
Raparigas	32	21	30	27
Rapazes	7	9	35	29

Fonte: Os Autores

Por ordem decrescente de unidades de referência, surge, como primeira subcategoria, **família como destino tradicional da mulher**, a qual regista um menor número de ocorrências, no conjunto dos rapazes e das raparigas (30 unidades de referência no total). A título de exemplo, ao longo da análise, citam-se excertos dos textos dos jovens estudantes. Como é registado pelos estudantes, “A mulher serve apenas para cuidar dos filhos, da casa” (T28), estando ao serviço do homem, o que confirma uma visão da mulher limitada a dona de casa e cuidadora dos filhos. Não há distinção na visão dos rapazes, nem das raparigas. Contudo, esta percepção é mais referida por raparigas (21 unid. de ref.), em comentários como “a mulher tinha de pedir autorização ao marido para realizar qualquer tarefa fora do comum” (T30), do que por rapazes (9 unid. de ref.).

A subcategoria **coexistência do estereótipo de gênero com o estereótipo das tarefas** (39 unid. de ref. no total), tal como referenciado na revisão da literatura quanto à partição de tarefas (Fleck and Wagner 2003), é percecionada como feminina ou masculina, havendo maior referência por parte das raparigas (32 unid. de ref.). Citando exemplos, “A mãe da minha mãe nunca trabalhou e sempre cuidou da casa e dos cinco filhos” (T7) e “o homem não se preocupa se tem o jantar na mesa quando chega do trabalho”. Assim, na divisão de tarefas prevalece a percepção feminina.

Relativamente à subcategoria **papéis tradicionais do homem e da mulher** (56 unid. de ref. no total), com enumeração de tarefas bem definidas, tanto os rapazes como as raparigas (29 e 27 unid, de ref., respetivamente), mencionaram o papel não tradicional do homem. Por exemplo, são de destacar algumas frases escritas pelos estudantes, tais como “o homem e a mulher encontram-se na capacidade de representar ambos os deveres” (T6), e ainda “O caso do Cristiano Ronaldo, ele trabalha mas também vai buscar e levar o filho à escola, ajuda-o nos trabalhos de casa, tem assim um papel mais

Alcina de Oliveira Martins; Maria Nazaré Coimbra; Susana Oliveira Sa; José António Oliveira

ativo na vida do filho” (T1). Na dinâmica das relações sociais, a referência a uma celebridade do futebol constituiu uma particularidade deste estudo, pela adesão evidenciada por alguns alunos. Neste sentido, emerge o poder de uma sociedade globalizada e tecnologicamente avançada, que constrói e endeusa os seus ídolos, e o fascínio dos jovens que os elegem como modelos a seguir, quanto ao papel de um homem que se preocupa em acompanhar o seu filho, no quotidiano da escola. Os modelos do desporto, da música e da publicidade (Barreto Januário 2016) poderiam ser aproveitados para reflexão e discussão em sala de aula, motivando os jovens para o debate e a análise crítica sobre os papéis do homem e da mulher na família atual (Alvarez and Vieira 2014).

Por sua vez, no caso das raparigas, no conjunto das 29 unidades de referência, 19 referem o papel tradicional da mulher, “A mulher era vista como a dona de casa, algo inferior, que não tinha os mesmos direitos” (T2).

Por último, de forma significativa, é de sublinhar o facto de os rapazes destacarem a **violência doméstica contras as mulheres** (35 unid. de ref. no total). Curiosamente, sobressai o seguinte testemunho de um jovem estudante, “O marido (tio) batia-lhe e maltratava a pobre coitada (tia)” (T5), pela ausência de referências ao pai e à mãe, evitando qualquer tipo de referência (positiva ou negativa) ao seu núcleo familiar. Efetivamente, a maioria das reflexões sobre violência doméstica são escritas num registo impessoal, sem focalizar casos particulares, como sucede em “Existem mulheres que são violentamente agredidas” (T28), evidenciando uma realidade associada aos papéis de género e ao exercício do poder masculino. A violência doméstica, previamente analisada na revisão teórica, atravessa a maioria dos estudos sobre papéis de género, enquanto evidência da diferenciação de poder e da subordinação da mulher na família tradicional (Paulino 2016; Taylor and Jasinski 2011).

Na Tabela 2 apresenta-se o resultado da matriz da triangulação entre a mudança de paradigma, nas relações familiares, e os rapazes e as raparigas, com 4 subcategorias.

Tabela 2. Matriz da correlação entre Mudança de Paradigma e Sexo nas relações familiares

	Novas formas de viver a família	Visão equitativa das tarefas domésticas	Visão do cuidado com os filhos	Inversão dos papéis tradicionais
Raparigas	14	36	36	32
Rapazes	17	32	31	31

Fonte: Os Autores

No que concerne à segunda categoria, **mudança de paradigma nas relações familiares**, foram definidas três subcategorias. Quanto à primeira subcategoria, é evidente a percepção de **novas formas de viver a família** (31 unid. de ref. no total). Trata-se de uma subcategoria emergente, expressa e fundamentada nos textos dos estudantes, comprovando uma nova forma de olhar a família, justificada devido a novas reorganizações familiares e em resultado da concretização do “Projeto

Educação para a Saúde”, em contexto escolar. Entre outros exemplos, nos textos analisados são referenciados “mães e pais solteiros”, “custódia partilhada” e “casais homossexuais”, em coexistência com a família nuclear, mais evidenciada nos rapazes (17 unid. ref.). A título de exemplo, citam-se “O conceito de família, mais comum e antigo, onde era preciso um homem e uma mulher para ter filhos, perde cada vez mais a importância.” (T9) e ainda “o papel do homem e da mulher deixaram de ser fundamentais como eram antigamente e têm tendência a perderem cada vez mais importância” (T9). Esta consciencialização dos jovens comprova a atenção e a capacidade crítica das novas gerações, quanto à diversidade de modelos e papéis em mudança na família, compondo outras visões do mundo, como explicitado na revisão teórica (Dias 2015; Aboim 2007).

Em concordância, os estudantes referem a **divisão equitativa das tarefas domésticas** (68 unid. de ref. no total), tal como explícito em “o papel da mulher e do homem na família é muito importante, pois cada um tem um papel fundamental no crescimento da criança” (T15), bem como em “o homem e a mulher têm que dar o maior apoio possível e amor aos filhos” (T19), ou também em “podemos observar que muitos homens já ajudam as mulheres tanto com os filhos, e por exemplo também na cozinha” (T23).

Em acréscimo, os estudantes assinalam a **inversão de papéis tradicionais** (63 unid de ref. no total), como se comprova no seguinte excerto: “Vejam o exemplo do famoso jogador de futebol, Cristiano Ronaldo. Cristiano está a criar o seu filho sem precisar da ajuda da mãe” (T12). Mais uma vez, é destacada a mesma celebridade, por vários estudantes, confirmando a interiorização de um modelo a seguir, percecionado como fiável.

A inversão de papéis, sempre que necessária no quotidiano vivido em família, é mais evidenciada no caso das raparigas (36 e 32 unid. de ref., respetivamente). As jovens estudantes descrevem uma realidade que se vem afirmando, e da qual são testemunhas. “Hoje a mulher é independente e pode viver sozinha sem qualquer tipo de permissão masculina” (T13), “as mulheres agora trabalham e suportam as suas famílias, enquanto os homens participam nas tarefas domésticas” (T21) e, entre outros exemplos, “Cada vez mais as tarefas ditas “da mulher” estão a ser feitas por homens e as ditas “dos homens” por mulheres” (T25). Os comentários citados anteriormente convergem na confirmação da mudança, quer quanto a uma nova condição da mulher, conquistada desde meados do século XIX, a partir dos movimentos feministas e de mulheres, quer quanto à relação de interdependência entre os padrões de género na partição de tarefas familiares e a situação profissional do homem e da mulher. Como afirmam algumas estudantes (T13, T21 e T25), o exercício de uma profissão é garante da independência da mulher e de mais participação do homem nas tarefas

Alcina de Oliveira Martins; Maria Nazaré Coimbra; Susana Oliveira Sa; José António Oliveira

domésticas (Coelho and Casaca 2017). De novo, reitera-se a consciencialização e a capacidade de reflexão manifestada pelos jovens, quanto a um processo de mudança complexo, que envolve a desconstrução de estereótipos ainda enraizados em muitas famílias (Alvarez and Vieira 2014).

Na Tabela 3 apresenta-se o resultado da matriz da triangulação entre o Estereótipo de género e a Mudança de paradigma nas relações familiares.

Tabela 3. Matriz da correlação entre Estereótipo de género e a Mudança de paradigma nas relações familiares

	Novas formas de viver a família	Visão equitativa das tarefas domésticas	Visão do cuidado com os filhos	Inversão dos papéis tradicionais
Coexistência do estereótipo de género com o estereótipo das tarefas	20	37	8	21
Família como destino tradicional da mulher	30	31	27	20
Violência doméstica contras as mulheres	0	0	37	0
Papéis tradicionais do homem e da mulher	19	31	32	30

Fonte: Os Autores

Com base nos dados disponibilizados, é de salientar que a **violência doméstica contra as mulheres** se mostra redutora e centrada no papel do homem, sendo este o causador da violência doméstica sobre a mulher. Os estudantes que registaram as suas percepções sobre esta questão salientam a **visão do cuidado com os filhos** numa perspetiva tradicional, ou seja, centrada na mulher. Até porque é reiterado que os **papéis tradicionais do homem e da mulher** refletem uma **visão do cuidado com os filhos**, numa perspetiva conservadora. Este estereótipo tem vindo a persistir no tempo, na continuidade de muitos séculos de perpetuação da imagem de subordinação da mulher na família, como analisado na revisão da literatura (Martins 2013; Aboim 2007), pelo que é crucial a respetiva desconstrução, a realizar, por exemplo, nas escolas, em contexto de Educação formal (Alvarez and Vieira 2014).

Contrapondo a esta visão da **família como destino tradicional da mulher** emerge a sensibilidade de alguns dos estudantes para **novas formas de viver a família** e uma **visão equitativa das tarefas domésticas**, ou seja, uma participação não percecionada como feminina. O mesmo acontece quando se realça a **coexistência do estereótipo de género com o estereótipo das tarefas**, visto que foi possível analisar percepções **de novas formas de viver a família**. Estas percepções fundamentam visões **equitativas das tarefas domésticas** e **inversões dos papéis tradicionais**, testemunhando uma nova realidade, em algumas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E LIMITAÇÕES DO ESTUDO

O estudo possibilitou concluir que os jovens estudantes, tal como analisado nos seus comentários escritos, evidenciam, em resultado de transformações culturais e sociais deste início de século, uma clara consciencialização de novas formas de viver a família, em resultado de fragmentações e ruturas de concepções estereotipadas, o que corrobora as ideias de Alvarez & Vieira (2014). Na consequente reorganização dos papéis desempenhados na rotina familiar, pelo homem e pela mulher, é referenciada a divisão equitativa das tarefas domésticas e do cuidado com os filhos, em inversão dos papéis tradicionais. Sempre que necessário, o homem assume o papel tradicional da mulher, no seio de algumas famílias, normalmente em resultado da conjugação dos horários do pai, da mãe e dos filhos, visando a conciliação entre as tarefas familiares e profissionais de cada um. Muito embora a mudança de paradigma nas relações familiares seja uma realidade apenas para algumas famílias, são evidentes os sinais dessa mudança, tal como evidenciam Dias (2015) e Fleck & Wagner (2003). Na nossa opinião, um dos sinais mais significativos constitui a tomada de consciência, por parte dos mais jovens, da necessidade de um novo paradigma, particularmente quanto aos papéis que homens e mulheres desempenham em família.

Em contraste, a visão dos jovens estudantes sobre as relações familiares comprova, ainda, que os estereótipos de género continuam a persistir. Nas suas reflexões, a propósito do ambiente familiar, os jovens estudantes traçam o retrato da família enquanto destino tradicional da mulher, limitada a dona de casa e cuidadora dos filhos. Desta forma, a coexistência do estereótipo de género com o estereótipo das tarefas perpetua papéis e assimetrias tradicionais. Em consonância, a violência doméstica contra as mulheres é identificada sobretudo pelos rapazes, mas sem associação positiva ou negativa ao pai e à mãe, antes selecionando, para ilustração, a impessoalidade da generalização ou de parentes mais distanciados. Reiteradamente, o exercício da violência doméstica denuncia uma realidade ligada ao domínio masculino como natural, prevalecente num modelo patriarcal de família, que continua a primar pela invisibilidade dos problemas que ocorrem dentro das fronteiras do núcleo familiar, tal como defendem **Bailey & Graves** (2016).

Atualmente, estas duas realidades coexistem, pelo que o reforço da Educação para o género e a cidadania, nas escolas, é um caminho imprescindível a seguir, no intuito de tornar visíveis e desconstruir estereótipos, que impedem a igualdade de direitos e de oportunidades para todos. Neste sentido, a pesquisa mostrou que é preciso ter em consideração a força motivacional de modelos sociais, por exemplo representados por celebridades, que suscitam a admiração e a adesão dos jovens à escala global, com destaque para ídolos do mundo do desporto, o que vai ao encontro da opinião de Barreto Januário (2016).

Assim sendo, a Educação para a cidadania é perspectivada como formação para os valores (MEC 2016), no que concerne a uma efetiva igualdade de género, contrariando a influência de estereótipos sociais, que de forma visível ou invisível marcam a linguagem e o comportamento em sociedade, condicionando a visão do mundo dos mais jovens.

Por fim, e de forma a alargar o âmbito deste estudo de caso, poderia ser concretizado um estudo de caso múltiplo, que facilitasse a triangulação de dados mais alargados, talvez ao nível de um distrito ou região. Neste sentido, seria interessante desenvolver uma pesquisa não só com estudantes, mas também com os pais e as mães, para cruzar a informação recolhida. Como reforço da análise, poderiam ser entrevistados os diretores de turma de uma ou mais escolas, uma vez que se encontram diretamente em contacto tanto com os alunos, como com os pais e as mães. Esta poderia ser uma forma de aprofundar as perceções dos membros de cada família, no que concerne aos papéis do homem e da mulher no quotidiano familiar e às marcas de género nas relações sociais.

REFERÊNCIAS

- Aboim, Sofia. 2007. “Clivagens e Continuidades de Género Face Aos Valores Da Vida Familiar Em Portugal e Noutros Países Europeus.” In *Família e Género Em Portugal e Na Europa*, edited by Karin Wall and Lígia Amâncio, 35–91. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Alvarez, Teresa, and Cristina Coimbra Vieira. 2014. “O Papel Da Educação No Caminho Que Falta Percorrer Em Portugal Na Desconstrução Dos Estereótipos de Género: Breves Reflexões.” *Exedra - Revista Científica ESEC*, no. Suplemento Sexualidade, Género e Educação: 8–17. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/7128>.
- Arnot, M. 2009. *Educating the Gendered Citizen. Sociological Engagements with National and Global Agendas*. Londres: Routledge.
- Bailey, Lucy E., and Karen Graves. 2016. “Gender and Education.” *Review of Research in Education* 40 (1): 682–722. <https://doi.org/10.3102/0091732X16680193>.
- Barreto Januário, Soraya. 2016. *Masculinidades Em (Re)Construção: Género, Corpo e Publicidade*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, LABCOM.IFP. http://labcom.ubi.pt/ficheiros/201605201149-201601_masculinidaderreconstrucao__sorayabarreto.pdf.
- Bianchi, S. M., L. C. Sayer, M. A. Milkie, and J. P. Robinson. 2012. “Housework: Who Did, Does or Will Do It, and How Much Does It Matter?” *Social Forces* 91 (1): 55–63. <https://doi.org/10.1093/sf/sos120>.
- Coelho, Sofia, and Sara Falcão Casaca. 2017. “Jovens Estudantes Universitários/as Perante a Futura Vida Profissional e Familiar: A Marca Do Género.” *Ex Aequo - Revista Da Associação Portuguesa de Estudos Sobre as Mulheres*, no. 36 (December): 59–75. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2017.36.04>.
- Coimbra, Maria de Nazaré Castro Trigo, and Alcina Manuela de Oliveira Martins. 2013. “Case Studying Educational Research: A Way of Looking at Reality.” *American Journal of Educational Research* 1 (9):

391–95. <http://pubs.sciepub.com/education/1/9/7/index.html>.

Costa, António Pedro, António Moreira, and Francislé Neri de Souza. 2019. *WebQDA (Version 3.1) - Qualitative Data Analysis*. Aveiro: Aveiro University and MicroIO.

Coutinho, Clara Pereira. 2011. *Metodologia de Investigação Em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.

Dias, Isabel. 2015. *Sociologia Da Família e Do Género*. Lisboa: Pactor/Lidel.

European Values Study. 2017. “European Values Study.” [Europeanvaluesstudy.Eu](https://europeanvaluesstudy.eu/). 2017. <https://europeanvaluesstudy.eu/>.

Fleck, Ana Cláudia, and Adriana Wagner. 2003. “A Mulher Como a Principal Provedora Do Sustento Econômico Familiar.” *Psicologia Em Estudo* 8 (spe): 31–38. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000300005>.

Martins, Alcina Manuela de Oliveira. 2013. “O Corpo Feminino Na Idade Média: Um Lugar de Tentações.” In *O Corpo. Memória e Identidade*, edited by José Viegas Brás and Maria Neves Gonçalves, 103–16. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Martins, Alcina Manuela de Oliveira, Maria Nazaré Coimbra, Susana Oliveira Sá, and José António Oliveira. 2019. “The (in)Visibility on Gender Perceptions of Young Students about the Role of Men and Women in the Family.” In *Abstracts Book of the 4th World Conference on Qualitative Research*, 314–17. Porto: Lusófona University of Porto.

MEC. 2016. “Despacho n.º 6173/2016, de 10 de Maio de 2016.” https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Legislacao/despacho_6171-2016_grupo_trabalho_educacao_cidadania.pdf.

OECD. 2016. “Skills beyond School.” [Oecd.Org](https://www.oecd.org/education/skills-beyond-school/). OECD - Organisation for Economic Co-operation and Development. 2016. <https://www.oecd.org/education/skills-beyond-school/>.

Paulino, Mauro. 2016. *Forensic Psychology of Spousal Violence: Psychodynamics, Forensic Mental Health Issues and Research*. San Diego: Elsevier Academic Press.

Rivero Santamarina, Diana, Koldobika Meso Ayerdi, and Lucia Martínez Odriozola. 2015. “Intragender Violence, a New Challenge for Correct News Coverage.” *Contemporanea - Revista de Comunicação e Cultura* 13 (3): 636–58.

Taylor, Rae, and Jana L. Jasinski. 2011. “Femicide and the Feminist Perspective.” *Homicide Studies* 15 (4): 341–62. <https://doi.org/10.1177/1088767911424541>.

Vieira, Cristina C., Conceição Nogueira, Fernanda Henriques, Fernando M. Marques, Filipa Lowndes Vicente, Filomena Teixeira, Lina Coelho, et al. 2012. *Conhecimento, Género e Cidadania No Ensino Secundário*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2018/01/Conhecimento_Genero_e_Cidadania_Ensino_Secundario_Versao_Digital.pdf.

Wagner, Adriana, Juliana Predebon, Clarisse Mosmann, and Fabiana Verza. 2005. “Compartilhar

Alcina de Oliveira Martins; Maria Nazaré Coimbra; Susana Oliveira Sa; José António Oliveira

Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe Na Família Contemporânea.” *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 21 (2): 181–86. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722005000200008>.

Wall, Karin, Vanessa Cunha, Susana Atalaia, Leonor Rodrigues, Rita Correia, Sónia Vladimira Correia, and Rodrigo Rosa. 2016. *Livro Branco: Homens e Igualdade de Género Em Portugal*. Lisboa: ICS-CITE. http://cite.gov.pt/asstscite/images/papelhomens/Livro_Branco_Homens_Igualdade_G.pdf.

Yin, R. 2015. *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. 5th ed. Porto Alegre: Bookman.

The (in)Visible Mark of Gender in the Family: Young Students’ Perceptions

ABSTRACT

Education for citizenship is currently one of the educational priorities, regarding the curricular guidelines during compulsory schooling. One of the privileged themes is about gender identity, especially regarding the roles played by men and women within the family, as a way as a way to reflect on stereotypes and prevention of domestic violence. Considering national and international guidelines, which value the centrality of education in the formation of children and young people, the aim of this study is to analyse the perceptions of young students about the roles of men and women in the daily life of their families, based on gender marks in social relations. Based on a qualitative methodology, data collection focused on the analysis of comments written by students, from the last years of secondary education of a school in Porto. The study led to the conclusion that students are aware of changes in the roles of men and women, following the evolution of the concept of family and the emergence of new social models personified by celebrities that combine family and professional responsibilities. However, gender stereotypes persist, continuing to condition interpersonal relationships in the family, which proves the importance of students' reflection and awareness of this theme, that should be reinforced in the school context.

Keywords: Education; Family; Gender; Young Students.

Submissão: 10/11/2019

Aceite: 16/07/2020